

Samir Savon (\*8/7/1947- )  
Reinventor de Proteu à Diderot

*Samir Savon — menos que pseudônimo, o anagrama de um poeta que se quer imagem refletida às avessas no espelho de outros autores.*

*Côncio de que não há mais escrever, depois de Camões, Joyce, Guima, Pessoa & Cia Ltda(díssima), cabe-lhe a pena do recriador. Esforçando-se por ser original nesse papel de carbono de outros originais: diálogo-intertextual (crítico-criativo, assegura Savon), de que Palimpsestos é exemplo acabado para outros por começar.*

*Desde 1964 vive mentalmente exilado em Buenos Aires (que respira) e nas páginas que escreve. Ou reescreve. Pois de uns tempos para cá tem-se dedicado à tarefa de remensão do coturno de vários autores.*

*Sua reinvenção de Proteu — título, aliás, de um livro seu, premiado e a dormir com dois outros no limbo da gaveta - consiste em metamorfosear-se nos autores que reescreve: são os "papéis" de Samir Savon — trilogia do avatar de um autor-comediante formado à luz do paradoxo de Diderot: melhor a(u)tor aquele a fingir que doa noutros o que lhe não doa a Sensibilidade (ou a Natureza).*

Francisco Maciel Silveira  
p/Samir Savon

### ***Alienação***

*Duas pupilas me olham  
do fundo do que digo;  
são duas gotas que abroham  
meus olhos, seu postigo.*

*Então estes olhos vêm  
no espelho do que sinto  
meus outros olhos que lêem,  
fio a fio, o labirinto.*

*E a dor que em mim se abisma  
emerge com outro rosto  
nestas rugas que são minhas:*

*quem se mira nestas linhas  
é meu coração que cisma  
noutros olhos sotoposto.*

### ***Águas passadas***

*Não, nunca tive salgueiros  
onde a lira pendurar,  
nem tampouco cativeiros  
de Sião por me encontrar.*

*Bem outra Babel me habita  
sobre também rios que, vãos,  
manam de mágoas avitas,  
desterrado o coração.*

*Não importa que chorosas  
sejam, e mágoas emprestadas,  
a correr aqui mansinho;*

*pois são dores tão saudosas  
que suas águas, por passadas,  
inda movem este moinho.*

*Samir Savon  
p/ Samir Savon*

Dom Dinis (\*1261 — 1325)  
Lavrador do [A]mar

*Foi trovador.. erreí... pois que antes foi monarca lavrador. Mas bem visto, só lavra a dor que for poeta, sobre ser rei a plantar porvir no grão de vagas barcarolas ultramarinas. (Este arrepio na tez das folhas que escreve é já o branco rumor de caras velas ao vento?)*

*São lenços e não velas o que por agora vês singrando a [m]água: Amigas que desejam saber novas de Amigos. Todos perdidos, ai minha dona e senhor, no périplo da Conquista do que ainda não se conquista.*

*Alvíssaras, Senhor, que ele chegou ao teu porto sem ao menos navegar. É que Dinis, amigo de Cantares e de Amor, teve o dom de semear o [a]mar-oceano em plangentes pinhais.*

Samir Savon

*O grão de naus ainda verdes*

— Ai, flores, ai, flores do verde pino,  
respondei-me... se “não” eu desatino,  
onde está o meu amigo  
que talhou preito comigo?

Ai, flores, ai, flores do verde ramo,  
respondei-me por aquele que eu amo,  
onde está o meu amigo  
que talhou preito comigo?

— O que te toma por dona e senhor  
digo-te que é são e vivo  
e que se tem por cativo,  
como ordenam, tirana, as Leis d' Amor.

(— Digo-te que sou são e vivo  
e de tanto amar tão cativo,  
que, sandeu, eis-me a semear,  
rima perdida\* em metro [de] chão,  
estes pinhais à flor do [a]mar.)

Samir Savon  
p/ D. Dinis

\* Alusão ao verso sem rima que, na terminologia trovadoresca, se chamava *palavra perduda*.

Mário de Sá-Carneiro (\* 19/5/1890 — 26/4/1916)

## O Esfinge Gorda

*Emigrado astral, estrela ébria  
que perdeu os céus, vagabundo dum sonho de sereia,  
alma nostálgica de Além...*

*Senhor feudal das Torres de  
marfim, tirano medieval de Oiros distantes, chaveiro das  
Torres poluídas...*

*Perdulário do Instante, milord  
a viver de imagens, Pierrot a cabriolar Distância, Dodge  
de Venezas escondidas...*

*Labirinto, licorne e acanto,  
quase o princípio e o fim, quase a expansão...*

*Assim se auto-retratou Mário  
de Sá-Carneiro: indícios de ouro de sua dispersão. Mas  
nele vivia aqueloutro: o Rei-lua postiço, o sem nervos  
nem ânsia, o papa-açorda, o balofo arrotando Império  
astral, o mago sem condão, o falhanço a poder ser Eu e  
toda a gente e toda a parte, o rei de toda esta  
incoerência...*

*Esfinge Gorda que, sem conse-  
guir decifrar-se, autodevorou-se, tomando cinco frascos  
de estriçnina. No Hotel Nice, em Paris. Onde tudo fica  
bem, tem certo estilo...*

*Nada a fazer, minha rica. O  
menino dorme. Tudo o mais acabou.*

*Samir Savon.*

## **Dispersão, II**

*Onde existo que não existo em mim?  
Em que pântano ou jardim estagnado  
põe-se a florir quem, deposto de mim,  
deixou-me, ébrio de Além, exilado?*

*Sinto que de mim me sou feito alheio,  
memória que só me lembra esquecer.  
Se me busco é com saudade e receio  
do que fui um dia sem me reconhecer.*

*(Devoro minha alma por decifrar:  
Esfinge gorda sem Édipo à mão,  
sou um papa-açorda a me voltar,  
Rei a tilinta guizos de truão?)*

*Se me vagueio, encontro só indícios  
de Oiro disperso no que nunca fui.  
Ascender ao Além é precipício,  
vôo de Ícaro que ao Sol se dilui.*

*Desterro de alma nimbada de além,  
oiro poente em Tardes-catedrais,  
sou aqueloutro que me habita — alguém  
do poeta aureolado em vitrais.*

*(Rei a tilintar guizos de truão,  
devoro minha alma por decifrar:  
Esfinge gorda sem Édipo à mão,  
sou um papa-açorda a me voltar?)*

*Quero ser plenamente, mas sou  
só o Outro que deseja ser Eu,  
asa que se lançou mas não voou,  
chama que por deflagrar nunca ardeu.*

*Ai a dor de quase ser — do sem fim  
da dispersão que quase me ressoa.  
Bem visto, quase a dor de quem, ao fim,  
por quase não chego a ser Pessoa.*

*(sou um papa-açorda a me voltar  
Rei a tilintar guizos de truão:  
devoro minha alma por decifrar,  
Esfinge gorda sem Édipo à mão.)*

*Samir-Savon  
p/ Sá-Carneiro*

